

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E DIREITOS DOS ANIMAIS: UMA CONEXÃO POSSÍVEL EM “HOMEM ANIMAL”

Márcio dos Santos Rodrigues¹

Apresentação

As histórias em quadrinhos (designadas também pela sigla HQ) nem sempre foram bem vistas e não foi sempre que se atribuiu a elas uma função política, mesmo que evidente. Talvez em virtude de uma trajetória histórica marcada pelo preconceito, que as relegou, por diversas ocasiões, à condição de mero entretenimento sem maiores pretensões². Contudo, se atentarmos particularmente para a década de 1980, veremos no *mainstream* quadrinístico a convicção (seria mais condizente, ao invés de convicção, falar em *aposta*), esboçada por autores britânicos contratados por uma das maiores editoras norte-americanas (a *DC Comics*), de que o gênero poderia ser mais do que simples entretenimento.

Para roteiristas britânicos – como Alan Moore, Neil Gaiman, Grant Morrison, etc. –, os quadrinhos podiam também servir como instrumento para que seus leitores se envolvessem com questões sociais e políticas. Bastante contestadores – muitos deles integrantes de bandas da cena *punk* e anarquistas assumidos (como Moore e Grant Morrison) – esses roteiristas procuraram subverter o modelo tradicional de HQs de super-heróis. E ainda fizeram desse segmento editorial de quadrinhos um espaço para discutirem as transformações pelas quais passavam o mundo naquele contexto – por diversas ocasiões, de maneira bastante radical, análoga àquela vista décadas atrás nos quadrinhos *underground*.

Todavia, não é de se estranhar tal “invasão”. Dentro de um segmento que, por vezes, se revela bastante conservador, como é caso do mercado editorial de HQs norte-

¹Mestrando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. email: marcio.strodrigues@gmail.com

² Tal trajetória de preconceito seria ainda marcante nos dias de hoje, na opinião de Thierry Groensteen. Em um pequeno ensaio, publicado em *A comics studies reader*, Groensteen levanta questões em torno de fato de que “although comics have been in existence for over a century and a half, they suffer from a considerable lack of legitimacy” [Apesar de quadrinhos já existirem há mais de um século e meio, eles sofrem de uma considerável falta de legitimidade] (GROENSTEEN, c2009. pp. 3-11). É frequente, ainda hoje, as pessoas veicularem os quadrinhos como um gênero midiático destinado exclusivamente ao entretenimento.

americanas, algumas das personagens e esquemas narrativos há muito estavam desgastados desde o final dos anos 1970. Assim, “algumas tendências que haviam pautado setores da produção alternativa”, como nos lembra Sarmento³, “começaram a ser considerados e incorporados pelos principais grupos de publicação de HQs” no sentido de revitalizar o gênero, oferecendo ao leitor algo que não estava acostumado. Os britânicos tinham uma maneira distinta de se fazer quadrinhos – diferentemente dos roteiristas norte-americanos, eles tinham o hábito de não apenas fazer menção em seus trabalhos às HQs, mas se valiam também de livros. Sendo assim, as obras que criavam expressavam um diálogo incessante com outras referências culturais. O que a *DC Comics* fez em um primeiro momento foi conceder a eles a oportunidade de reformular algumas personagens de “segundo escalão” da forma como bem entendessem. Personagens assim estavam mesmo no ostracismo e a editora – que publica, dentre outros, o *Superman* e o *Batman* – não tinham nada a perder, caso o trabalho desses autores não obtivesse sucesso. Um dos heróis “regastados do limbo” foi o *Homem Animal* – que teve 26 edições escritas pelo escocês Grant Morrison e desenhadas por Chas Truog e Doug Hazlewood⁴.

Em *Homem Animal*, Morrison se posicionou em favor da “libertação animal”, ao apresentar uma história que girava em torno de “super-herói de terceira categoria, desempregado, casado e com filhos, que repentinamente envolve-se com questões dos direitos dos animais e descobre sua verdadeira vocação na vida” (MORRISON, 2002. p.5). Apresentou uma narrativa diferente daquela que até então se costumava ver em quadrinhos de super-heróis, sobretudo daqueles cujas personagens têm poderes

³ Em um artigo sobre um trabalho de Neil Gaiman menciona e discute algumas das especificidades da chamada “invasão britânica” nos quadrinhos comerciais norte-americanos. O artigo intitulado “1602 - A refundação da América: uma leitura da obra de Neil Gaiman” encontra-se disponível em <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/03-sarmento1602.pdf>> acesso em: novembro de 2009.

⁴ Grant Morrison nasceu em 31 de janeiro de 1960, em Glasgow, a maior cidade da Escócia. Sua carreira teve início aos 17 anos com a publicação de *Gideon Stargrave*, para a terceira edição de *Near Myths*. Ainda são poucos os trabalhos desenvolvidos sobre o roteirista. A maioria destes é centrada em aspectos estéticos e/ou narrativos como **Grant Morrison: The Early Years** do professor de literatura inglesa Timothy Callahan, publicado em 2007. Há um capítulo dedicado ao roteirista em WOLK, Douglas. **Reading Comics: How Graphic Novels Work and What They Mean**. Cambridge: Da. Capo Press, 2007. pp. 258-288. Há muito poucos trabalhos que enfatizam aspectos sócio-políticos trabalhados por Morrison em suas obras (ver NEIGHLY, Patrick; COWE-SPIGAI, Kereth. **Anarchy For The Masses: The Disinformation Guide to *The Invisibles***, 2003), mas nenhum que tenha ainda se detido sobre o ativismo do roteirista pelos Direitos dos Animais. Sobre aspectos biográficos, mesmo no site oficial do roteirista (www.grantmorrison.com), existem poucas indicações.

similares a de animais. Fez com que essa conexão entre homem e animais não humanos – que sempre serviu de pretexto para criação de personagens – fosse um dos principais temas explorados na minissérie.

Objetivando “O Homem com poderes animais”



Figura 1: Páginas 1 e 2 da primeira edição de Animal Man #1 (Setembro de 1988)

Na primeira página, da primeira edição escrita por Morrison e lançada originalmente em setembro de 1988, vemos uma sequência em que uma enigmática

personagem caminha rumo à cidade de San Diego. À medida que ela caminha, o narrador descreve a cidade de maneira bastante negativa e termina, em tom de lástima, se interrogando com a seguinte frase: “Why did we come down out of the trees?”⁵. Na página seguinte, nos deparamos com o protagonista da série, Bernhard “Buddy” Baker – o Homem Animal –, na tentativa de salvar o gato de sua vizinha que se encontra preso em uma árvore.

É significativo Morrison ter apresentado Buddy justamente, logo em seguida, em cima de uma árvore. Talvez seja pelo fato de que o “Homem Animal” encarnará ao longo das 26 edições escritas pelo roteirista escocês a conexão entre homem e natureza, particularmente no que se refere aos vínculos construídos entre humanos e animais não humanos. O interessante é que essa conexão – que aparentemente passou por despercebida e que foi reivindicada ao longo da década de 1980 pelo movimento ecológico em geral – é reforçada pela frase da vizinha que sugere a Buddy tomar cuidado, pois cair da árvore representaria uma queda e tanto. Nessa passagem, um tanto metafórica, o roteirista deixaria sua primeira mensagem ecológica. “Cair da árvore” nos remete a pensar nos motivos que fizeram com que o homem, ao descer da árvore e começar a andar de pé, se julgasse acima dos animais e estabelecesse uma falsa dicotomia entre ele e a natureza. Esta mensagem interessa ao historiador como uma prática, justamente por construir sentidos para a relação entre homem e natureza, em uma fonte ainda pouco estudada, produzida em uma década que ainda pouco explorada pela historiografia.

Com este estudo, pretende-se compreender algumas das possíveis conexões entre o ativismo pelos direitos dos animais e os quadrinhos comerciais da década de 1980. Para tanto, tomamos como testemunho algumas das 26 edições escritas pelo roteirista escocês Grant Morrison para o *Homem Animal*, publicadas originalmente nos Estados Unidos entre 1988 e 1990. Embora seja um estudo bastante introdutório – no sentido de abrir, ao invés de concluir – tenta-se aqui contribuir para a história ambiental, atentando para uma fonte ainda pouco estudada pelos historiadores em geral; pretende-se ainda colaborar para aquela variedade da História Ambiental, indicada por McNeill, que lida com representações (MCNEILL, 2005, pp. 12-25).

⁵ “Por que descemos das árvores?”

Até o momento, a História Ambiental tem estado pouco atenta à década de 1980, talvez pela sua proximidade temporal⁶. Apesar de movimentos ecológicos emergirem na década de 1970 e início dos anos 1980 e a História Ambiental ter surgido no bojo da discussão suscitada por esses movimentos, ainda são poucos os historiadores do campo que se debruçam particularmente sobre décadas mais próximas e objetos mais recentes.

Poucos são ainda os trabalhos realizados por historiadores a respeito da relação entre quadrinhos e temas ecológicos⁷. Um deles foi apresentado durante o *IV Simpósio da Sociedade Latino-Americana e Caribenha de História Ambiental* (Solcha), no dia 30 de maio de 2009 por Alberto G. Florez-Malagón (University of Ottawa – Canadá). Embora tenhamos tido contato tão-somente com o resumo do trabalho de Florez-Malagón – intitulado *Hegemonias visuales de la modernidad: representaciones del ambiente en “comics” clásicos del siglo XX* -, é muito provável que “classicos” esteja se referindo aos quadrinhos que, embora “replican los contenidos colonizadores que allí se transmiten”⁸, tinham como interesse apenas o de entreter, sem propor reflexões mais profundas sobre a relação entre cultura e natureza⁹.

Existem ainda alguns trabalhos discutindo o potencial das histórias em quadrinhos para Educação Ambiental. O interesse que assumem esses trabalhos não é o

⁶ Embora não seja um indicador um tanto confiável – visto que não permite dimensionar tudo o que se tem produzido na área – tomemos os resumos do IV Simpósio da Sociedade Latino-americana e Caribenha de História Ambiental. A maioria dos trabalhos que lidam com testemunhos da década de 1980 ou mais atuais não é proveniente da reflexão de pessoas que não têm formação específica como Historiador.

⁷ Fica aqui uma sugestão para os estudiosos do campo da História Ambiental, sobretudo os que lidam com catástrofes naturais. Super-heróis, ao lidarem com catástrofes as mais diversas, deixam aos historiadores pistas de como a sociedade lida, em termos ficcionais, com “eventos propios de los flujos de energía de la naturaleza” (Para maiores discussões sobre as catástrofes naturais vistas de um ponto de vista histórico/historigráfico ver GASCÓN, Margarita: “Los desastres naturales en las ciudades latinoamericanas”. **Entelequia**. Revista Interdisciplinar, 2, 2006. Disponível em <<http://www.eumed.net/entelequia/pdf/2006/e02a19.pdf>> acesso em: novembro de 2009.

⁸ *História ambiental e cultura da natureza*: resumos do IV Simpósio da Sociedade Latino-americana e Caribenha de História Ambiental / Regina Horta Duarte; José Newton Coelho Meneses (organizadores). 1ª. ed. Diamantina: Maria Fumaça ed., 2008. p. 93. [tradução do trecho: “reproduzir os conteúdos colonizadores que ali se transmitem”].

⁹ Tentamos contactar Florez-Malagón com o intuito de obter cópia do texto por ele apresentado. Todavia, no momento em que escrevemos o presente texto recebemos, por email, a mensagem que o pesquisador estava momentaneamente fora de serviço. FLOREZ-MALAGÓN, Alberto G. Out of Office AutoReply: *Hegemonias visuales de la modernidad: representaciones del ambiente en "comics" clásicos del siglo XX*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por < marsrod66@yahoo.com.br > 12 de Fevereiro de 2010. Posteriormente, conseguimos contatá-lo e ele nos respondeu que havia feito tão-somente uma apresentação oral do tema.

de contextualizar e, em sua maioria, consideram os quadrinhos apenas como suporte e veículo de informações. Todavia, não deixam de ser úteis no sentido de apresentarem algumas das percepções que os homens estabelecem com o que designam como natureza. Sobre o *Homem Animal* – objeto de reflexão do presente texto – existem oito páginas que fazem menção à personagem em *Comic book culture: fanboys and true believers* de Matthew Pustz (Ph.D. pela University of Iowa em American Studies)¹⁰.

O “Homem com poderes animais” foi criado pelo roteirista Dave Wood e pelo desenhista Carmine Infantino em setembro de 1965, para a edição 180 da revista *Strange Adventures*. Na versão original, Buddy Baker, ao presenciar a queda de uma espaçonave alienígena, é exposto à radioatividade e, por isso mesmo, acaba por adquirir o poder de assimilar as capacidades dos animais. Na versão de Morrison, ao presenciar a queda da nave espacial Buddy morre com a radiação e acaba sendo ressuscitado pelos alienígenas. Na verdade, os alienígenas reconstruíram seu corpo ao ressuscitá-lo, de forma que ele pudesse tanto absorver as habilidades quanto a senciência (a capacidade de sentir) dos animais¹¹.

Quando o *Homem Animal* foi criado, no início da década de 1960, não chegou a fazer muito sucesso entre os leitores. Diversos personagens com poderes similares aos de animais já existiam no mercado editorial de quadrinhos norte-americanos¹² e a ideia de um deles ser capaz de assimilar as habilidades de todos os animais parece não ter sido algo que despertasse atenção maior – tanto que o *Homem Animal* estreou apenas cinco histórias publicadas, entre 1965 e 1967, nas páginas da *Strange Adventures*. Logo depois se tornaria uma personagem de “segundo escalão”¹³ ou mesmo esquecido, até adquirir notoriedade nas mãos de Morrison.

¹⁰PUSTZ, Matthew. **Comic Book Culture: Fanboys and True Believers**. Jackson: University Press of Mississippi, 1999. p. 84; pp.126-129; p. 225 e p.235.

¹¹ É possível interpretar a experiência de Buddy Baker ter sido cobaia de uma experiência, acrescida da capacidade de absorver as capacidades e sensações dos animais, como um dos motivos para que Morrison justificasse seu ativismo.

¹²Uma rápida pesquisa pela rede mundial de computadores possibilita visualizar um número incontável de personagens dos quadrinhos com nome de algum animal acompanhado da palavra *Homem* – *Homem-Aranha*, *Homem-Formiga*, dentre outros – ou tão somente o nome de algum animal – *Wolverine* (“carcaju”, em português – mamífero das florestas canadenses), *Vespa*, *Pantera Negra* etc.

¹³ Além das cinco histórias publicadas na revista *Strange Adventures* (nos números 180, 184, 190 – quando aparece pela primeira vez com seu uniforme colante laranja e azul –, 195 e 201), o *Homem Animal* ainda apareceu como coadjuvante em duas outras histórias, da *Mulher Maravilha* (em *Wonder*

Mas o que explica o sucesso do Homem Animal escrito por Morrison? Sem cair em determinismos, uma vez que estamos lidando aqui com condições e não causas, poderíamos afirmar que grande parte do sucesso de *Homem Animal* na década de 1980 se deve ao fato de que o autor se valeu de discussões em pauta no momento, apresentando algo que fosse familiar aos seus leitores. Morrison apenas iria escrever as quatro primeiras edições de Homem Animal. Em seguida, outro roteirista iria dar continuidade a seu trabalho. Mas diante do sucesso repentino de *Homem Animal*, a DC resolveu oferecer ao escritor escocês a oportunidade de desenvolver a série por mais dois anos (para maiores indicações do processo de criação da série ver a seção de cartas da edição #2 escrita por Morrison). O resultado foi que *Homem Animal* alcançou popularidade no período em questão, tendo sido sucesso tanto de crítica quanto de público em diversos países. Considerada umas das HQs mais importantes não apenas da década de 1980, mas de toda a trajetória histórica dos quadrinhos – tanto pelo experimentalismo, pela proposição de novos recursos narrativos quanto pelas temáticas exploradas – a minissérie ainda circula em todo o mundo, tanto na versão original quanto em edições traduzidas. Pode ser encontrados em algumas gibitecas.

Em se tratando dos quadrinhos, não é possível estabelecer indicações precisas sobre o público-leitor. Todavia, mesmo que não seja possível identificar precisamente o número, o perfil e apreciação dos leitores – para com isso mensurar a recepção e o alcance da minissérie –, podemos perceber uma intenção política através das representações que constrói em torno de um debate que estava em curso há tempos, mas que adquire contornos de movimento social na década anterior.

Na década de 1970, não apenas os ambientalistas, mas diferentes grupos – ativistas pelos direitos civis, feministas, pacifistas, etc. – voltaram sua atenção para a questão animal. Opondo-se à política dominante, em que animais não-humanos eram e ainda são definidos como simples recursos e bens, construíram diversas justificativas para que pessoas não tivessem o direito de matá-los, capturá-los, explorá-los ou se alimentar deles. Mudanças de atitude em relação aos animais existem desde muito

Woman #267 e #268, publicadas originalmente em 1980). Fez também algumas aparições relâmpagos em títulos como *Action Comics*, *Red Tornado* e *DC Comics Presents*. Para maiores detalhes sobre a “cronologia” do “Homem Animal” ver o endereço eletrônico <<http://www.dcuiguide.com/chronology.php?name=ANIMALMAN>> acesso em: dezembro de 2009.

tempo, como assinala Keith Thomas (THOMAS, 1996). Contudo, se existe um movimento pelos direitos dos animais é em virtude caráter coletivo (pessoas articuladas em torno de um objetivo e/ou de um problema comum – algo característico de uma cultura política) e, em grande medida, sua inserção no movimento ecológico (através da operação de perceber os animais como parte da natureza e, por isso mesmo, objeto de atenção maior).

Embora haja vasta literatura sobre os movimentos pelos direitos dos animais, poucos são ainda os trabalhos que escapam de um viés essencialmente panfletário ou normativo – como é o caso de *Introduction to Animal Rights: Your Child or the Dog?* de Gary Lawrence Francione (FRANCIONE, 2000) –, de determinismos/buscas por origens e percebem a discussão em torno dos Direitos dos Animais em suas diferentes manifestações e dentro de um contexto histórico. Como estaríamos diante de justificativas as mais diversas, não poderíamos considerar o movimento com base na ideia de um todo com limites claramente definidos, como que fundamentado por pressupostos políticos e culturais coesos. Antes de tudo, há de se convir que o movimento em questão, como qualquer outro, se desdobraria de maneira fragmentada, incorporando uma vasta gama de ideias e uma diversidade maior de atores sociais¹⁴. No caso que analisamos, parte das reivindicações apresentadas por Morrison, responsáveis por inseri-lo no debate sobre os direitos dos animais, deve ser articulada tanto às suas aspirações pessoais quanto às particularidades dos quadrinhos da década de 1980.

Ao tratar de imagens (embora não seja pensando nelas como articuladas em sequência, como ocorre com as HQs), Peter Burke assinala que elas “dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim as visões contemporâneas daquele mundo [...]” (BURKE, 2004. p. 236). O mesmo ocorreria numa HQ. Assim, nos é colocada a tarefa de adentrar nas páginas de uma HQ e avaliar aquilo que testemunham, sem negligenciar como o fazem – mesmo que a princípio aquela realidade nos pareça fantasiosa ou um devaneio.

Perceber essa outra forma de levantar problemas, que é uma HQ não é tarefa nada simples, já que elas expressam modos de registrar experiências que nós historiadores, por diversos motivos, não estamos familiarizados. O próprio Grant

¹⁴ Seria mais coerente falar em movimentos, no plural, já que não existe apenas um movimento pelos direitos dos animais. Sendo assim, cada reivindicação elaborada por cada um desses grupos deveria ser interpretada como relacionada a determinadas conjunturas do que propriamente constituída por uma proposta teórica consolidada.

Morrison assinalaria, por diversas vezes ao longo de *Homem Animal*, que o que acontece dentro das páginas dos quadrinhos não é sequer mais nem menos real do que o designamos por realidade. Cada qual apresenta suas próprias regras. Sendo assim, ao se debruçar sobre a “realidade” dos quadrinhos, na condição de historiadores não deveríamos fazer apenas um trabalho de checagem – procurando possíveis reflexos do mundo social dentro da obra – mas compreender como aquela realidade construída funciona (em outras palavras, deveríamos atentar para as “suas regras”), o porquê dela funcionar daquele modo e como ela participa do mundo social. É nessa medida que quadrinhos, como o que escolhemos como objeto de reflexão, podem ser entendidos como fonte de conhecimento sobre determinada coisa que se quer representar. A distinção entre a coisa real e a coisa representada é sempre problemática. Como assinala Pesavento¹⁵,

é preciso assumir, em uma primeira instância, posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que, em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real/não-real, ciência ou arte.

Não sendo possível ser tomada como representação fidedigna da realidade – nem poderia e tampouco tem essa pretensão –, *Homem Animal* está atrelado a uma experiência. Benjamin nos aponta que “a arte de narrar é a arte de contar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 193). Para o mesmo autor, “[...] O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes [em nosso caso, tratamos de leitores]” (BENJAMIN, Walter. *Op Cit*, p. 193). Assim ocorre em *Homem Animal*. Morrison, tal como Buddy, se tornou vegetariano. Morrison não deixa claro se aderiu ao vegetarianismo, influenciado ou não pelo rumo que a estória estava tomando. O envolvimento de Morrison com o vegetarianismo pode ser confirmado se acompanharmos as respostas dadas aos leitores em algumas das seções de cartas – respostas dadas ou pelos editores ou então pelo próprio roteirista. À medida que escrevia a série, o roteirista ainda se juntou ao *Animal Liberation Front Supporters Group (ALF SG)* – organização que se caracteriza pela ação direta na libertação de

¹⁵ Em artigo de 2006 no qual expressa considerações sobre a relação entre história e literatura, que acredito serem válidas, com as devidas considerações, para os quadrinhos. Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html?lang=en>> acesso em: dezembro de 2008.

animais¹⁶. Em certa medida poderíamos afirmar que Buddy Baker teria servido ao autor como um alter-ego, para que ele pudesse expressar seu ativismo, divulgando e discutindo (dentre outras coisas) se é possível viver bem ou não com o consumo de carne e produtos de origem animal.¹⁷

Muitos dos argumentos apresentados pelo roteirista escocês estão em consonância com as idéias de filósofos-ativistas, que influenciariam e foram influenciados pelo debate em torno dos direitos dos animais, como Peter Singer¹⁸ e Tom Regan¹⁹. A ideia aqui não é buscar argumentos similares ou uma origem dos argumentos de Morrison nas obras desses autores. Em outras palavras, não visa apenas a mostrar a influência ou não dos autores supracitados, mas perceber como a fonte em questão também produz seus próprios efeitos. Falar de movimentos necessariamente nos levaria a inserir no debate alguns pensadores, percebendo a ligação dos argumentos apresentados pelo roteirista com as ideias de um ou outro teórico do movimento pelos Direitos dos Animais. Entretanto, faltam-nos indícios para confirmar o que Morrison teria lido desses filósofos-ativistas para a elaboração dos roteiros de *Homem Animal*. Em entrevista à *Antennae The Journal of Nature in Visual Culture*²⁰, o roteirista não faz menção a autores, mas indica que ter assistido quando jovem a “The Animals Film²¹” foi decisivo para a criação de *Animal Man* e *We3*²². Morrison também informa na seção

¹⁶ MORRISON, Grant. Introdução. MORRISON, Grant *et alii*. *Homem Animal* – volume um. Daniel Valeta, tradução. São Paulo: Brainstore Editora, 2002. p.5. Informação também disponível em <www.antennae.org.uk/ANTENNAE%20ISSUE%209.doc.pdf> acesso em: janeiro de 2010.

¹⁷ Na linha de raciocínio que aqui desenvolvemos, *Homem Animal* pode ser considerada não como uma narrativa autobiográfica, mas como uma espécie de autoficção – já que Morrison recorre a uma personalidade por ele inventada e faz da existência dela uma forma de discutir questões que são do seu interesse. Para maiores distinções entre narrativas autobiográficas e autoficcionais ver COLONNA, Vincent. *Autofictions & autres mythomanies littéraires*. Auch: Tristram, 2004.

¹⁸ Filósofo australiano, autor de **Libertação Animal** – obra lançada originalmente em 1975 e amplamente conhecida pelos ativistas ligados ao movimento em defesa dos animais.

¹⁹ Filósofo norte-americano, autor de “**Jaulas Vazias** - Encarando o Desafio dos Direitos Animais”.

²⁰ A entrevista realizada por Lisa Brown em janeiro de 2009 para o volume 9 da *Antennae* encontra-se disponível em <www.antennae.org.uk/ANTENNAE%20ISSUE%209.doc.pdf> acesso em: dezembro de 2009].

²¹ Documentário sobre a exploração indiscriminada dos animais, dirigido por Victor Schonfeld e lançado em 1981.

²² Outra HQ de Morrison, lançada em 2004. Criada para o selo Vertigo da Editora DC Comics, gira em torno de três animais domésticos (um cão, um gato e um coelho) que foram seqüestrados pelo governo norte-americano e submetidos a experiências a fim de se tornarem armas letais. Mais tarde fogem do laboratório e tentam desesperadamente reencontrar o lar, mas antes disso tem que enfrentar o exército norte-americano.

de cartas da edição #2 que, embora a personagem tenha caído no ostracismo, ele a conhecia desde a juventude. Sabemos de sua inclinação para o anarquismo²³ - o que poderia ser uma das chaves para a compreensão do veganismo do roteirista, já que a luta hoje cunhada como antiespecista apresenta uma ligação estreita com ações libertárias. Mesmo que não existam indicações precisas sobre a influência de pensadores, Morrison estaria se reportando a representações que circulavam para construir algo que seja compreensível à grande parte de seus leitores. Tais representações necessariamente podem ou não ser derivadas de sua interpretação sobre as obras de Singer e Regan. Em momento algum da minissérie aparece o termo *especismo*²⁴, embora existam no universo de *Homem Animal* diversas personagens “especistas” – como os caçadores que aparecem nas três primeiras edições. Mesmo que esteja se valendo da leitura desses autores e não do que é veiculado como senso comum, o que acabaria propondo é uma nova interpretação para os direitos dos animais. Se tomarmos a indicação de Castoriadis de que “todo simbolismo se edifica sobre as ruínas dos edifícios simbólicos precedentes, utilizando seus materiais, mesmo que seja só para preencher as fundações de novos templos” (CASTORIADIS, 1982. p.147) seríamos levados a mais do que simplesmente identificar a rede de referências da qual o roteirista se vale para construir seus enredos, mas também a perceber em que medida ele a modifica.

Algumas controvérsias que aparecem entre “utilitaristas” e “abolicionistas” mais radicais podem ser evidenciadas em *Homem Animal*, particularmente no momento em que o herói participa, juntamente com um grupo de ativistas, de uma sabotagem em um laboratório de experimentação animal para libertar macacos com olhos costurados, confinados em jaulas. Em seguida, após livrarem um macaco do confinamento, um dos ativistas resolve espalhar gasolina e atear fogo no laboratório. O *Homem Animal*, apesar de questionar num primeiro instante o ato, acaba lavando as mãos. O que Morrison traz à tona nessa passagem, publicada originalmente na edição 17, é um questionamento

²³ Morrison deixa mais claro nos quadrinhos sua inclinação anarquista em *The Invisibles*, minissérie em 68 edições, publicada entre 1994 e 2000. Para maiores discussões sobre a correlação entre o anarquismo e particularmente o trabalho de Morrison ver NEIGHLY, Patrick; COWE-SPIGAI, Kereth, 2003.

²⁴ Termo cunhado pelo filósofo e psicólogo britânico Richard D. Ryder em 1970 – apropriado e amplamente divulgado pelo filósofo australiano Peter Singer. O termo coloca em questionamento práticas institucionalizadas que envolvem desvalorizar e desconsiderar “interesses” de animais não humanos. Para tanto, estabelece paralelos entre a discriminação de outros animais com a discriminação racista ou sexista.

colocado àquelas organizações que defendem o ativismo ecológico: “Quando e até que ponto o que deveria ser apenas um simples protesto se torna um ato terrorista?” Isso o roteirista já deixaria assinalado na segunda edição. Na seção de cartas dessa edição, Morrison nos informa que *Homem Animal* possibilitaria não

only to deal with the animal abuses that I find personally disturbing and indefensible but also to question the morality of the more extreme activists, some of whom are talking about killing scientists and poisoning foodstuffs.²⁵ (não apenas lidar com os abusos dos animais que considero pessoalmente algo perturbador e indefensável, mas também questionar a moralidade dos ativistas mais radicais, alguns dos quais estão falando sobre a morte de cientistas e intoxicações alimentares).

Ao deixar clara tal postura desde o início da minissérie, o autor acaba fazendo de *Animal Man* um espaço de crítica diagnóstica (KELLNER, 2001) reproduzindo, em nível cultural, as controvérsias em torno dos Direitos dos Animais²⁶. E ao aparecerem, tais controvérsias também nos informam muito sobre a sociedade: particularmente para as noções de “certo” e de “errado” que a mesma sociedade elabora; noções estas, objeto de disputa por diferentes grupos.

A posição que o Homem Animal assume, no que diz respeito ao uso de animais para fins científicos, está mais de acordo com aquela proposta por Regan e seus partidários do que a de Peter Singer²⁷. Singer, considerado o pai do movimento pelos Direitos dos Animais, chegou a defender em determinadas ocasiões a utilização deles,

²⁵MORRISON, Grant *et alii*. **Animal Man #2**. (October 1988): “Life in the Concrete Jungle”. New York: Dc Comic, 1988. [publicada no Brasil em *DC 2000* # 04 em abril de 1990 e no encadernado *Homem Animal* vol. 01, lançado pela Brainstore em novembro de 2002].

²⁶ Controvérsias estas que no período em que foram lançadas as HQs escritas por Morrison aparecem em diversos textos veiculados pela mídia. Ver o artigo “Going to Extremes for ‘Animal Rights’”, publicado originalmente em 30 de Agosto de 1987 na página 47 do *New York Times* por Ben A. Franklin. Apesar de o artigo louvar em determinados momentos algumas atitudes dos ativistas mais radicais, fica também a impressão de que algumas ações são duramente desqualificadas. O artigo encontra-se disponível para consulta no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.nytimes.com/1987/08/30/weekinreview/going-to-extremes-for-animal-rights.html?pagewanted=1>> acesso em: dezembro de 2009.

²⁷ Posições como aquelas apresentadas em REGAN, Tom. “The Case for Animal Rights”. In: SINGER, PETER (ed), **Defense of Animals**. New York: Basil Blackwell, 1985, pp. 13-26: “the total abolition of the use of animals in science; the total dissolution of commercial animal agriculture; the total elimination of commercial and sport hunting and trapping” [tradução do trecho: “a abolição total do uso de animais na ciência; a dissolução total da agropecuária comercial; a eliminação total da caça comercial e esportiva e a captura”].

por exemplo, para experimentação como aceitável²⁸. Para Singer, o uso ou não de animais deveria fundamentada por princípios morais básicos que todos nós - animais humanos – aceitamos, ao passo que Regan e seus partidários são favoráveis a uma abolição total de práticas como a experimentação em animais (REGAN, 1980, pp. 305-324.). A discussão de Singer em diversos momentos foi mais no sentido de sugerir reformas e métodos para minimizar a dor e sofrimento dos animais que propriamente aboli-la.

Ideias e percepções sobre o meio ambiente aparecem desde o primeiro número escrito por Morrison, como apresentamos anteriormente, e se repetem ainda mais nos números seguintes. Uma sequência da edição #4 – intitulada “When We All Lived in the Forest” – merece menção. Quando o Fera Bwana (que é a figura misteriosa que aparece caminhando rumo a cidade de San Diego) está à beira da morte nos braços do *Homem Animal*, ele diz o seguinte:

“P-Paradise...we were given **paradise**...and we turned it into an...**abattoir**...Everywhere we go...we leave things bleeding and **screaming**...we’re **murdering** the world...we have to be **stopped**...mankind has to be stopped...Buh-Before there nothing left...we thing we own the world But...but...Ohh! Oh God, we’ve...**Fallen** so far...and there’s still...still...there’s still...no...Bottom” (P-paráiso...nós recebemos o paraíso... e estamos transformando tudo num **matadouro**... Aonde quer que vamos...deixamos as coisas sangrando e **gritando**... Nós estamos **assassinando** o mundo...temos que ser **detidos**...a humanidade tem que ser detida! Nós achamos que o mundo é nosso, mas...ohh! Deus... **Caímos** tanto...e ainda...ainda...não é...o fundo!)²⁹.

Embora personagens como essas tenham “existência concreta” apenas nas páginas de quadrinhos, elas corresponderiam a uma atitude deliberada para se pronunciar sobre um estado de coisas que os autores (roteirista e desenhistas) não concordam. Uma frase como a proferida acima acaba por apelar para a sensibilidade do leitor, tentando convencê-lo da necessidade de mudar não apenas a atitude em relação aos animais, mas diante da natureza. O que ela procura fazer é apresentar o fato de que “deixamos as coisas sangrando e **gritando**” como um problema moral. A frase acima

²⁸ Singer considerou como “justificável” em 2006 o uso de primatas como cobaias de laboratório em pesquisas visando a minimizar os efeitos doença de Parkinson. Ver <<http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/article650168.ece> > acesso em: janeiro de 2010.

²⁹ MORRISON, Grant *et alii*. **Animal Man #4**. (December 1988): “When We All Lived in the Forest”. New York: Dc Comic, 1988. p.15-16.

parece não ser dirigida apenas ao Homem Animal. Ela está sendo dirigida também ao leitor. Para o historiador ela é expressiva por uma série de motivos: aposta numa intenção política – ao ser dada a ler, o que ela procura é convencer o leitor de que uma visão de mundo não é válida. Pode se interpretada como uma forma de denúncia, como um sinal de alerta para situações, expressando a concepção de que os quadrinhos podem servir de meio para mudar o mundo; apregoa ainda a ideia da existência de uma natureza intocada (alusão ao Paraíso), maculada pelas mãos do homem que insiste transformá-la em um “matadouro”; expressa um sentimento de culpa ao lançar algumas reflexões para se pensar no porquê do homem fazer isso.

De maneira alguma *Homem Animal* pode ser considerada no mundo dos quadrinhos um caso isolado. Outros títulos de HQ lidaram com a temática dos Direitos dos Animais, mas não de forma tão panfletária. *Badger* (que traduzido para o português quer dizer “Texugo”), por exemplo, foi outra HQ que, durante os anos 1980, expressou semelhante postura em alguns momentos – embora seu idealizador, o norte-americano Miken Baron, estivesse mais preocupado em fazer dela uma revista em quadrinhos que mesclasse aventura e “humor negro”. A capa da edição #25 (“The Duck Lady”) de *Badger* é expressiva no sentido de construir uma representação dos caçadores como indivíduos sádicos, que caçam simplesmente pelo prazer de matar. A temporada de caça aos patos retratada na capa adquire tons de selvageria. Há uma menção à personagem de Baron no quinto número escrito por Morrison¹. É justamente na sequência em que Buddy Baker impõe à sua família o vegetarianismo (pp. 6-8). Buddy usa uma camisa com emblema semelhante ao de *Badger*. Para aqueles que não conhecem a personagem criada em 1982 por Mike Baron, cabe-nos chamar a atenção para o fato de que *Badger*, além de lidar com temas ecológicos ocasionalmente, era também a estória de um super-herói louco. Morrison, ao trajar Buddy com uma camisa portando emblema que lembra o da personagem, estabeleceria paralelos tanto com o viés “ambientalista” apresentado em *Badger*, quanto ao fato de que Buddy parece – tal como *Badger* – um desatinado aos olhos de sua família. Ao descartar da dispensa alimentos de origem animal sem antes consultar a todos, Buddy assumiria um comportamento, por diversas vezes, inconveniente ou mesmo equivocado de recém-convertidos a uma causa ou religião; ou seja, tentar converter todos à sua volta muitas vezes ultrapassando limites. Embora esta minha interpretação possa ser questionada como preconceituosa, faz todo sentido se

acompanharmos os primeiros quadros da página 6 e 7 da primeira edição de *Animal Man* #17 (de novembro de 1989). Protestos contra a indústria de pele animal aparecem em outra minissérie em quadrinhos, escrita por outro britânico: *O monstro do Pântano*. Na edição, há uma sequência em que um grupo de “raposas humanóides”, caracterizadas como *punks*, cerca uma senhora vestida dos pés à cabeça com casacos de pele³⁰. Embora a libertação dos animais não fosse um dos temas centrais da minissérie, o roteirista em questão (Alan Moore) também imprimiu em suas páginas seu posicionamento consumo de produtos de origem animal.

Provocando para concluir

Narrativas ficcionais veiculadas em produtos da cultura da mídia como as HQs ainda são, por diversos motivos, menosprezadas pelos historiadores, embora alguns valiosos estudos afirmem o contrário. Nós historiadores ainda tendemos a acreditar que algumas fontes apresentam o mundo social de forma mais clara que outras, não? Basta observar em congressos, seminários e conferências sobre a relação entre história e ficção. É difícil observar algum trabalho que se debruce, quando lida com construções ficcionais, sobre aquelas que recebem o rótulo de *ficção científica* ou *fantasia*³¹. Já no caso do chamado *realismo-naturalismo*, perde-se a conta do número de trabalhos versando sobre o assunto. Assim, se configura como uma curiosidade os historiadores ainda não terem se debruçado sobre fontes com elevado grau de inserção na sociedade contemporânea como é o caso dos quadrinhos. Tal paradoxo se explicaria, ao menos em parte, com o esclarecimento de que nem sempre a produção historiográfica de um determinado objeto está atrelada ao interesse da sociedade por determinado objeto e/ou tema, mas, por uma série de questões, como a cultura acadêmica e o incentivo institucional. Talvez com o tempo as HQs possam ser incorporadas em pesquisas por

³⁰ MOORE, Alan. *The Saga of Swamp Thing* # 46 (March 1986): “Revelations”. New York: Dc Comic, 1986.

³¹ Roberto de Sousa Causo, nos agradecimentos de seu excelente *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* chama a atenção para o fato de que “Os assuntos ficção científica, fantasia, horror e fantástico têm muito pouca penetração nas universidades. A biblioteca de Faculdade de Letras da USP, por exemplo, possui menos volume de e sobre essas literaturas do que as bibliotecas pessoais de muitos fãs brasileiros de FC e fantasia” (CAUSO, 2003).

maior número de historiadores, sobretudo os do campo da História Ambiental. Mas isso apenas se torna possível se entendermos que

À medida que as reflexões a respeito dos quadrinhos abrangem uma dimensão maior de questões estéticas e sobre o seu lugar na sociedade, as respostas sugeridas pelos autores têm se tornado mais interessantes e recebido contrapalavras variadas. Com isso, os quadrinhos afirmam seu lugar como uma forma de arte capaz de avaliar seu impacto na sociedade e optar por novas formas de abordar questões da vida social (FIGUEIRA, 2006).

Bibliografia consultada:

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 193.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e Imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru-SP: EDUSC, 2004. (Coleção História).

CALLAHAN, Timothy. **Grant Morrison: The Early Years**. Masters of the Medium. Sequart com Books, 2007.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil. 1875 a 1950** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FIGUEIRA, Diego Aparecido Alves Gomes. As histórias em quadrinhos e sua relação com o leitor: como o discurso sobre quadrinhos mudou o discurso dos quadrinhos. In: **Anais da XIV Jornada de Jovens Pesquisadores da AUGM**. Campinas, 2006.

FORASTIERI, André. “Do punk ao pixel – Como um punhado de britânicos ambiciosos reinventaram a realidade através dos quadrinhos”. **Pixel Magazine 1**. São Paulo: Pixel, 2007. p. 3.

GROENSTEEN, Thierry. “Why are Comics still in search of Cultural Legitimation?”. HERR, Jeet; WORCESTER, Kent. **A comics studies reader**. Jackson: University Press of Mississippi, c2009. pp. 3-11.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**; tradução de Ivone Castilho Benedetti, Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MCNEILL, John. "Naturaleza y cultura de la historia ambiental". **Nomadas 22: Medio Ambiente: historia y política** (2005), pp. 12-25.

REGAN, Tom. "The Case for Animal Rights". In: SINGER, PETER (ed), **Defense of Animals**. New York: Basil Blackwell, 1985, pp. 13-26.00

_____. "Utilitarianism, Vegetarianism, and Animal Rights". **Philosophy and Public Affairs**, Vol. 9, No. 4 (Summer, 1980), pp. 305-324. Disponível em <<http://www.jstor.org/pss/2265001>> acesso em: janeiro de 2010.

SARMENTO, Carlos Eduardo Sarmento. "1602 a refundação da América: uma leitura da obra de Neil Gaiman". **História, Imagem e Narrativas**, v. n.5, p. 2-33, 2007. Disponível em <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/03-sarmento1602.pdf>> acesso em: janeiro de 2010.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

Fontes:

MOORE, Alan. **The Saga of Swamp Thing# 46** (March 1986): "Revelations". New York: Dc Comic, 1986. [publicada no Brasil em 1990 pela editora Abril, em *Monstro do Pântano* #5.]

MORRISON, Grant. Introdução. MORRISON, Grant *et alii*. **Homem Animal – volume um**. Daniel Valeta, tradução. São Paulo: Brainstore Editora, 2002. p.5.

MORRISON, Grant *et alii*. "Life in the Concrete Jungle". **Animal Man #2**. New York: Dc Comic, Outubro de 1988.

_____. "When We All Lived in the Forest". **Animal Man #4**. New York: Dc Comic, Dezembro de 1988.

_____. "Consequences". **Animal Man #17**. New York: Dc Comics, Novembro de 1989.

_____. **Animal Man: Origin of the Species collects**. New York: Dc Comics, Novembro de 1989.